

## ***Preservação cultural dos índios asurini do koatinemo por meio do grafismo corporal***

*Raimundo Alberto Tavares Ampuero<sup>1</sup>*

*Monica Franchi Carniello<sup>2</sup>*

*Edson Aparecida de Araújo Querido Oliveira<sup>3</sup>*

**Resumo:** O presente artigo tem como objeto o significado da cultura do grafismo corporal da etnia Asurini do Koatinemo. Estabeleceu-se como objetivo geral identificar se a prática da pintura corporal desenvolvida pelas mulheres índias Asurini do Koatinemo representa a possibilidade de manutenção e consolidação da cultura desse povo. Os processos metodológicos obedeceram ao tipo de pesquisa de campo, participante e descritiva, com método etnográfico e abordagem qualitativa, por meio de entrevista. Foram quinze os sujeitos deste estudo, correspondendo a 35% de um universo de 46 índios. Os resultados da pesquisa mostram que o reconhecimento do significado do grafismo corporal praticado pelas índias da etnia Asurini do Koatinemo é compreendido dentro da comunidade indígena apenas pelas mulheres que estão nas faixas etárias de dezoito a trinta e nove anos e acima de quarenta anos. As mulheres do grupo demonstram ser responsáveis pela manutenção de tal prática para a consolidação da cultura do povo. O processo de aprendizagem da pintura corporal acontece durante toda a infância, adolescência e fase adulta das mulheres do grupo. A aprendizagem ocorre através da observação das mulheres mais novas, como filhas e netas sobre as mais maduras, o que garante a preservação cultural.

**Palavras-chave:** Cultura. Cultura indígena. Grafismo Corporal.

**Abstract:** This paper aims to understand the significance of the body painting of Asurini do Koatinemo culture. The objective is to identify if the body painting practice of developed by Asurini do Koatinemo indian women represents the cultural maintenance and preservation of this ethnic group. The methods used in this field research participant and descriptive, with ethnographic methodology and qualitative approach. Fifteen women were interviewed in this study, corresponding to 35% of the universe of 46 indians. The results showed that the recognition of the significance of the body graphism practiced by the indian ethnicity Asurini of Koatinemo is understood within the indigenous community only by women who aged eighteen to thirty-nine years and women aged above forty years. The women in the group are responsible for the maintenance of this practice that preserves the culture of these people. The process of body painting learning happens throughout childhood, adolescence and adulthood of women in the group. Learning occurs through observation of mothers and grandmothers by younger women, what preserves their culture.

---

<sup>1</sup>Mestre em Gestão e Desenvolvimento Regional pela Universidade de Taubaté. Professor da Secretaria de Estado de Educação do Pará e vice - diretor do Projeto de Extensão Universitária do Instituto Educacional do Pará. E-mail: ampuero@idepa.com.br

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação e Semiótica, professora da Universidade de Taubaté/Programa de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional, Rua Expedicionário Ernesto Pereira, 225, Centro, Taubaté, SP, Brasil, CEP 12030-320. E-mail: monicafcarniello@gmail.com

<sup>3</sup>Doutorado em Engenharia Aeronáutica e Mecânica - Área de Organização Industrial pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica (1998). Professor Assistente Doutor da Universidade de Taubaté, atua como Coordenador de Programa de Pós-graduação Lato Sensu e Stricto Sensu. E-mail: edsonquerido@directnet.com.br

**Key-words:** Culture. Indigenous Culture. Body Graphics. Asurini

## **Introdução**

As realizações humanas são justificadas pela sua cultura. Ela determina seu comportamento, sua maneira de pensar, agir e fazer na sociedade. Os instintos do homem são transformados com o passar dos tempos, segundo os padrões culturais dos grupos nos quais ele se insere, adaptando-se naturalmente aos diversos ambientes (LARAIA, 2001).

Compreende-se cultura como o conjunto de comportamentos, ações, crenças e valores compartilhados por todos os homens. A essa relação de compartilhamento dentro de um mesmo espaço demarcado pelo sentido de fronteira, chamamos de “contexto cultural”, que aos poucos se torna imperceptível, quando a fronteira permite a interculturalidade, ou seja, o deslocamento da cultura (BERLO, 2003).

A cultura também é o conjunto de códigos simbólicos reconhecíveis pelo grupo: neles o indivíduo é formado desde o momento da sua concepção; nesses mesmos códigos, durante a sua infância, aprende os valores do grupo; por eles é mais tarde introduzido nas obrigações da vida adulta, da maneira como cada grupo social as concebe.

As culturas de grupos distintos se inter-relacionam, o que pode gerar o processo de aculturação que, segundo Oliveira (1976), pode ser entendida como sendo o contato entre culturas diferentes e o resultado que essa influência tem para tais culturas, e que, em um sentido antropológico, são as mudanças culturais iniciadas pela junção de dois ou mais sistemas culturais, de acordo com a seguinte definição:

A mudança aculturativa [aculturação] pode ser consequência da transmissão cultural direta, pode ser derivada das causas não culturais, tais como modificações ecológicas e demográficas induzidas por um choque cultural; pode ser retardada por ajustamentos internos seguindo-se uma aceitação de traços ou padrões estranhos; ou pode ser uma adaptação em reação aos modos tradicionais de vida” (OLIVEIRA, 1976, p. 104).

Este artigo faz o recorte na cultura do povo indígena da região amazônica, mais especificamente os índios Asurini do Koatinemo, representantes de uma diversidade cultural característica da região.

Em relação aos povos indígenas, Hermel (1988) relata que a cultura destes povos é construída através da utilização de símbolos, de objetos, de utensílios do seu dia-a-dia. É por meio do objeto que os mesmos remetem a fala do grupo em seu relacionamento e onde

tudo tem um significado. Tal fala passa de geração a geração, dando um significado ao saber construído no cotidiano e onde o conhecimento informal é transmitido oralmente pelos mais velhos, baseado em experiências acumuladas de um passado de memórias que está muito mais longe de todos os passados.

Diante da contextualização e conceituação que compreende a cultura como um conjunto complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes e todos outros hábitos adquiridos enquanto membros de uma sociedade, é possível refletir sobre as questões que envolvem a preservação da pintura corporal praticada pelos grupos indígenas como um costume de grupos étnicos, especialmente o grafismo corporal praticado pelo grupo étnico Asurini do Koatinemo.

De Paula (2000) relata que o povo indígena marca de várias formas sua identidade, cada povo possui uma explicação para a origem do mundo, possui sua própria língua, suas tradições, seus rituais de nascimento e fúnebre, seus rituais de passagens das várias fases da vida, sua maneira própria de constituir suas casas, de fabricar seus utensílios de uso pessoal.

A cultura indígena também passa por processos de mudanças como qualquer sociedade. Nas últimas décadas, tiveram reconhecimento como povos culturalmente diferenciados com competência para desenvolverem suas próprias organizações e desenvolvimento social (De PAULA, 2000).

Considerando tais aspectos, direcionou-se o olhar científico para a cultura do povo Asurini do Koatinemo e, especialmente, para a busca do significado do sentido simbólico do grafismo, pintura corporal desenvolvida pelas índias Asurini. Assim, essa pesquisa objetivou identificar se a prática da pintura corporal desenvolvida pelas mulheres índias Asurini do Koatinemo representa a possibilidade de manutenção e consolidação da cultura deste povo.

## **Cultura indígena**

Cultura é uma preocupação contemporânea, que visa compreender os diversos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas futuras (SANTOS, 2004). Compreender o homem ou um grupo de pessoas, o significado de seus símbolos, é compreender sua cultura e como acontece a apropriação de tais símbolos utilizados por esse grupo como forma de sua expressão, sua comunicação e

seu desenvolvimento. Santos (2004, p. 4) comenta que “o desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social, de se apropriar dos recursos naturais e transformá-los, de conceber a realidade expressá-la”.

A história do homem é marcada pela coexistência de múltiplas culturas. Essa variedade é muito importante, pois observando as práticas e tradições de outros povos, somos levados a refletir sobre a coletividade à qual pertencemos. Afinal, será que são gratuitas as diferentes formas de organizar a vida social, de conceber e expressar a realidade? (SANTOS, 2004, p. 4).

Não obstante, o homem não pode estar dissociado do contexto cultural. Ele está permanentemente em comunicação com o outro. Essa comunicação exige uma aprendizagem e uma organização social. Assim, também para Berlo (2003), a vida humana é um processo. Um constante aprendizado de comunicação.

Santos (2004) diz que cada realidade cultural possui uma lógica interna, sobre ela de procurar conhecer para que façam sentido suas práticas, costumes, concepções e transformações pelas quais passam.

No contexto da diversidade cultural da região amazônica,

[...] a Amazônia carrega o peso do conhecimento e desconhecimento ao mesmo tempo. Ainda no mundo sem fronteiras políticas ocidentais já é uma confluência de povos ameríndios e espaço de sobrevivência de mais de “cinco mil almas” que se nutrem da terra e com modos próprios de processos de trocas (BARBOSA, 2001, p. 153 -154).

Barbosa (2001) ressalta que estamos diante da maior concentração latino americana de povos ameríndios, com diversas nações estabelecidas, com línguas e culturas diversificadas. conteúdos e práticas de civilizações modernas.

De Paula (2004) afirma que a região Amazônica, onde estão localizados muitos grupos étnicos indígenas, e a qual foi caracterizada como uma região de fronteira, é uma área em formação, onde o tradicional e moderno convivem no mesmo espaço. A Amazônia é uma área de diversos conflitos, de grandes empreendimentos: agrominerais, agroflorestais, agroindustriais, e de exploração de outros recursos naturais. As tecnologias modernas na Amazônia implicam novas dinâmicas de apropriação de terra, movidas por incentivos governamentais, e que impõe a expropriação das sociedades tradicionais (indígenas) que historicamente habitam estes espaços e que precisam migrar para outras áreas.

Valadão (2001) comenta que na ocupação tradicional dos territórios indígenas não existe limites precisos. Os índios abriam suas casas, seus caminhos de caça e as trilhas para visitar outras aldeias. Quando a caça ou a pesca se esgotavam abriam novos caminhos em outra direção; mas conservavam de alguma forma os lugares das antigas moradas e os cemitérios em que enterravam os mortos.

Sobre a cultura dos povos indígenas, Baniwa (2005) aponta cinco pressupostos básicos para a compreensão da dimensão da cultura indígena e a criação de políticas próprias para sua preservação:

- a capacidade de situar-se historicamente e temporalmente na perspectiva das políticas existentes;
- a noção de identidade;
- o direito à terra;
- a consideração sobre as diversas culturas indígenas existentes.
- a necessidade de uma “educação adequada e de qualidade para formar intelectuais e profissionais indígenas capazes de organizar e sistematizar, segundo conceitos e metodologias privilegiadas da sociedade dominante, experiências e conhecimentos de seus povos” (2005, p. 183).

Novaes (1982) comenta que para se entender a cultura indígena ou de um índio, implica despojar-se de nossa civilização, porque um encontro com índio ou com sua cultura é um mergulho em outro espaço.

Dentre as expressões culturais indígenas, descata-se a pintura corporal. Em alguns povos a pintura significa preparação para a luta, batalha, para outros serve para ornamentar e nesse caso implica em apresentar sua imagem. Ela é transmitida por meio da memória cultural herdada de seus antepassados e pela mitologia que explica suas existências. A pintura corporal indígena é o elo de transmissão das informações, ricas em significado. É um sistema de comunicação. Delimitou-se, neste estudo, a pintura corporal dos índios Asurini do Koatiemo.

### **O grafismo corporal dos Asurini**

O povo Asurini vive em aldeia localizada à margem direita do Rio Xingu, na terra indígena Koatinemo, homologada em 1986, ocupando uma superfície de 388.304 metros, com 428 km de perímetro, pertencente ao município paraense Senador José Porfírio,

estando mais ligado ao município de Altamira, por proximidade geográfica e por decisão política das lideranças desse grupo. Por lei, as lideranças indígenas, têm o direito de escolher o município com o qual ficará dependente política econômica e socialmente. Os Asurini escolheram o município de Altamira.

No período de 1940 à 1950 esse povo habitava as margens do rio Pacajá . Posteriormente, migrou em direção ao rio Xingu, pressionado por índios Kayapó e Araweté. Os Asurinis escolheram a nova morada à margem direita do rio Xingu, que ficou conhecida como a “Terra Asurini”.

Atualmente a população Asurini está com aproximadamente 137 índios, mas segundo Ribeiro (1982) o grupo contava 150 índios por volta de 1930. De 1930 até 1971, ano do contato, muitos morreram em choques com os Kayapó e os Araweté, além do registro de seqüestro de mulheres e crianças. Após o contato com os brancos, a população decresceu quase 50% até 1982, em função de doenças transmitidas pelos brancos.

Müller (1993) afirma que os Asurini enfrentaram situações de crise, notadamente demográfica, ameaças à integridade de seu territórios e a intensificação de relações conflituosas com brancos e outros índios. Hoje, lutam pela subsistência e melhoria mínima da qualidade de vida, reelaborando e re-utilizando suas relações com os brancos, com o outro na própria aldeia e com o mundo.

Uma das manifestações culturais dos Asurini do Xingu ou Assurini do Koatinemo é a pintura corporal. Utilizam os frutos como o “urucum” e ou “jenipapo” para a coloração da pele. O tipo de pintura mostra desenhos simétricos e com aplicação de tatuagem.

Segundo Muller (1992), os significados da pintura praticada pelos Asurini estão relacionados à cosmologia e as noções fundamentais do olhar sobre o mundo frente ao povo.

De acordo com dados da FUNAI<sup>4</sup> (2005), a pintura corporal utilizada pelo povo Asurini é em forma de desenhos geométricos, também usada na decoração das cerâmicas, das cabaças, dos bancos e demais objetos da sua cultura material, significando um sistema próprio de arte gráfica.

Para fundamentar esse sistema de arte gráfica, o índio se baseia de elementos da natureza, como o cipó entremeado na mata, o feijão grande, a pata do jabuti, o favo de mel, o pescoço da onça pintada.

---

<sup>4</sup>Fonte: FUNAI – Fundação Nacional do Índio, 2005. Disponível em: < <http://www.funai.gov.br/>>

De acordo com Müller (1993) existem desenhos próprios que são específicos a cada região do corpo, como a pintura da perna, o desenho na cabeça, a pintura da boca. Todos são diferentes entre si e são únicos de cada parte do corpo. Ainda existe a diferença entre a pintura feita nos homens e a pintura feita nas mulheres.

No sexo masculino a divisão se dá no sentido horizontal um desenho oval em cada ombro, três linhas anteriores e três linhas posteriores ligando de ombro a ombro. A pintura corporal no homem determina sua participação nas atividades guerreiras. Já no sexo feminino, a divisão do corpo é feita verticalmente, dividindo-o em duas partes à altura do ventre.

No corpo da mulher, observando as partes tatuadas de seu corpo, é possível inferir a qual faixa etária pertence. Os traços feitos nas crianças são largos e a medida que os mesmos crescem, eles vão se afinando. O significado da pintura no homem tem como objetivo de mostrar sua atuação como guerreiro.

No sexo masculino o espaço formado pelo círculo ovalado *jesiivapava* sobre a articulação braço tronco (ombro) é preenchido com desenhos dos padrões *pirinyana*, *taynagva* e *kuiapeí*. Na linha entre a linha divisória e as linhas verticais e horizontal, à altura dos mamilos, podem ser tatuada uma faixa preenchida pelo padrão *já'éakynga*. Esta linha corresponde a divisão horizontal na pintura corporal, marcada pelas linhas que unem os desenhos dos ombros. A decoração desta parte do corpo masculino enfatiza seu significado social, a importância do papel de guerreiro literalmente, através do desenho geométrico (MULLER, 1993, p. 228).

De acordo com Lo Curto (1993), a cor predominante utilizada na pintura corporal atualmente é o preto, feito do sumo do jenipapo com carvão vegetal.

[...] O preto mostra que tem conhecimento do mundo, educação e nobreza. Você é uma pessoa determinada e sabe o que quer da vida. Não dá importância para os que os outros dizem sobre suas idéias e atitudes. Investem nos seus sonhos. Tem dignidade e se mantém fiel a seus desejos (SAGARDOY, 2006, p. 24).

Os tipos de técnicas e estilos de desenhos podem ser bastante diversificados segundo MÜLLER (1992):

Para se definir as características formais no desenho Asurini é importante, antes de tudo, perceber princípios de ordenamento do espaço. Esses podem ser entendidos por meio da relação entre percepção visual e processo cognitivo (p. 240).

O grafismo corporal do povo Asurini pode ser identificado como desenho abstrato no olhar da população urbana, mas para os índios, possui analogia com as várias formas da natureza.

Na pintura utilizada no dia-a-dia do povo, a identificação de quadrados, retângulos e outras formas de figuras geométricas e formas orgânicas, o elemento visual mais presente na composição é a linha, com predominância da linha reta.

Quando usa a pintura *Jumuunawa* (se fazer ficar preto), e encobre todo corpo de tinta preta, o índio Asurini, apaga o desenho anterior, durante o rito, e renuncia sua dimensão humana para entrar em contato com o sobrenatural (LO CURTO, 1993). Apesar de terem outras opções de cores, como vermelho e o cinza, existe uma predileção pela cor preta, que é extraída do fruto do jenipapo misturado com carvão vegetal.

A pintura *ajeukati* (ficar vermelho), tem como finalidade de proteger o corpo contra as picadas dos insetos. Mesmo assim, ela é rara de se ver. A prática mais comum é a tinta vermelha nos cabelos, que vem a ser *ajeakymyti* – cabeça vermelha.

Para Sagardoy (2006), a pintura corporal é uma espécie de ornamentação do corpo e está entre as manifestações significativas adotadas pelo povo Asurini. A pintura corporal se refere aos processos ocorridos com os indivíduos.

Além da pintura, ornamentação efêmera, os Asurini marcam a divisão do corpo conforme a categorização social dos indivíduos. Diferentemente da pintura corporal praticada no cotidiano, existe a tatuagem permanente. Nos homens a tatuagem é feita de ombro a ombro e corpo completo. Além do desenho do ombro, é escarificado todo o corpo masculino, troncos, pernas, braços e coxas, com linhas verticais até a altura dos mamilos. Dessa região até a altura dos ombros, são traçadas linhas horizontais. E na mulher, em certas partes: ventre, braço, rosto e mãos (MULLER, 1993).

A ornamentação corporal assim como a cultura material está no campo da arte gráfica do povo Asurini. A pintura corporal é o exercício da arte no contexto cultural e social mais amplo da sociedade Asurini. Sendo, a arte gráfica uma atividade comum a todos os membros da sociedade, seu conteúdo e significado são repassados entre todos, homens, mulheres e crianças.

## **Materiais e métodos**



O estudo caracterizou-se como descritivo, de campo, participante, com coleta de dados por meio de observação e entrevista.

O local da pesquisa foi a aldeia do povo Asurini, na terra indígena denominada de Koatinemo, localizada no baixo Xingu, município de Senador José Porfírio no Estado do Pará.

A população estudada conta com cerca de cento e trinta índios, sendo que cinquenta por cento deles são menores que quinze anos. As índias Asurini na faixa etária entre oito e sessenta anos foram os sujeitos pesquisa, das quais foram selecionadas quinze respondentes. As mesmas aceitaram participar do estudo de livre e espontânea vontade. Elas foram observadas em sua forma de pintar, nos diferentes tipos de fazer a pintura e na maneira de transmitir o grafismo para novas gerações e entrevistadas. As entrevistas, com questões abertas, foram conduzidas em grupos e os dados registrados e transcritos literalmente. As índias que compuseram a amostra foram agrupadas em quatro grupos, conforme faixa etária: oito a doze anos, treze a dezoito anos, dezenove a quarenta anos e acima de 40 anos. Essas faixas etárias correspondem, respectivamente, à infância, fase adulta (quando normalmente elas se tornam mães), fase adulta (quando normalmente se tornam avós) e velhice.

Os dados foram Interpretados qualitativamente. As quinze índias que participaram como sujeitos do estudo tiveram suas identidades preservadas. Foram selecionadas as respostas mais representativas de cada questão, conforme categorização proposta. As categorias foram formadas a partir da exclusão de respostas iguais ou repetitivas; de respostas que não estivessem diretamente relacionadas às questões, e de acordo com as respostas mais exatas relativas à questão do momento.

## **Resultados e discussões**

A partir das respostas obtidas com a entrevista, somadas à observação, apresentem-se as análises abaixo.

**Quadro 1 – Questão 1**  
**A prática do grafismo corporal desenvolvido pelas mulheres Asurini do Koatinemo, pode representar futuramente a consolidação e o resgate simbólico desta etnia indígena?**

<b>De 08 a 12 anos de idade</b>	<b>De 13 a 18 anos de idade</b>	<b>De 19 a 40 anos de idade</b>	<b>Acima de 40 anos de idade</b>
Sem Resposta	Sem Resposta	Tem que escutar os mais velhos e os que eles falam.	A cultura Asurini fica forte quando pinta.
Sem Resposta	Sem Resposta	Tem que respeitar mais os velhos porque eles sabem.	Pinta para a pessoa não ficar velha.
Sem Resposta	Sem Resposta	Pintar faz parte da cultura.	Pinta para ficar bonita.
Sem Resposta	Sem Resposta	Se acabar a cultura não tem índio.	Fica muito melhor do que cultura de branco.
Sem Resposta	Sem Resposta	Quando alguém se pinta, todo mundo diz que é índio.	A pintura é como se fosse a nossas roupas.
Sem Resposta	Sem Resposta	Sem pintura vão dizer que deixaram de ser índios e que já perderam a cultura.	Quando se pinta não se perde a cultura.
Sem Resposta	Sem Resposta	Temos que continuar com a nossa cultura.	Estavam perdendo o costume de pintar o corpo. Mas agora voltou.
Sem Resposta	Sem Resposta	Nos pensamos nos mais novos que não querem mais pintar.	Agora a pintura ainda é forte. Mais antes, era mais.
Sem Resposta	Sem Resposta	A pintura é enfeite para nós. Igual ao perfume e o sabonete para os brancos	Era mais forte a pintura na aldeia, antigamente. Agora é mais fraca.

Sobre a primeira questão, na qual foi abordada a perspectiva de consolidação e de resgate simbólico da cultura da etnia Asurini por meio do grafismo corporal, observa-se que apenas as duas faixas etárias maiores responderam.

Não foi possível identificar qual o motivo da ausência de respostas por parte das faixas etárias de oito a doze anos e de treze a dezoito anos. Acredita-se que na primeira faixa etária, a falta de respostas pode ser em decorrência da imaturidade da idade das índias que, sendo crianças, ainda não percebem o significado da prática dentro do grupo. Porém, as índias da faixa etária seguinte, de treze a dezoito anos, não sendo mais crianças também não conseguiram responder sobre a importância da prática para a consolidação da cultura de seu povo. Sabem que é uma prática eminentemente de mulheres, mas não percebem a importância para o grupo e sua comunidade.

Observa-se que as índias que se encontram nas faixas etárias de dezenove a quarenta anos e acima de quarenta anos compreendem que a pintura corporal feita pelo grupo é importante. Acham-na bonitas e que a mesma serve como enfeite ou roupa para as índias. Além disso, também compreendem que a pintura representa para a etnia Asurini sua cultura. Com clareza, falam que a cultura da pintura corporal dos índios Asurini é para elas mais bonita do que a cultura dos brancos.

Outro ponto evidente foi a importância dada aos saberes culturais dos mais velhos. Para as índias Asurini, os mais velhos que são os verdadeiros detentores do conhecimento. Sua sabedoria deve ser continuada e mantida sob o muito respeito.

As índias Asurini têm consciência de que a pintura corporal praticada por seu povo em tempos atrás era mais forte. Relatam que por algum tempo ela foi pouco praticada no grupo, quase perdendo sua importância para a etnia. Os mais novos do grupo não demonstravam mais interesse em se pintar. Isso trouxe grande preocupação para os mais velhos. Porém, hoje, a pintura corporal é considerada novamente importante e está bastante presente e praticada pelas índias da aldeia. É comum usá-la no cotidiano e ainda é praticada pelas mulheres de todas as idades.

Considerando os relatos acima, Santos (2004), citado no referencial teórico desta pesquisa, comenta sobre o quanto à compreensão do significado dos símbolos como expressão de cultura dos povos é importante para sua manutenção. Para os Asurini do Koatinemo a pintura corporal é reconhecida como um costume e um símbolo de sua cultura. Sua manutenção significa respeito e preservação da identidade cultural do povo ou grupo indígena.

As mulheres do grupo indígena Asurini voltaram à prática do grafismo corporal por necessidade de manutenção de tal arte e de tal costume, que ainda é praticada pelas índias mais velhas do grupo. As índias mais novas relatam que observavam que suas avós não

deixavam de pintar seus corpos. Assim, começaram a perceber a importância de repetir a prática para tornar-se igual.

### Quadro 2 – Questão 2

**O processo de aprendizagem da pintura corporal, nos dias de hoje, é considerado importante pelo grupo étnico Asurini, como modo de preservação de sua cultura?**

De 08 a 12 anos de idade.	De 13 a 18 anos de idade.	De 19 a 40 anos de idade.	Acima de 40 anos de idade.
Sem Resposta	Não sabe a importância	Está ensinando a filha, porque a mãe contava a história igual para ela.	Mesmo sabendo pintar, tem que ficar olhando para saber mais.
Sem Resposta	Manda a filha aprender com a avó	Toda vez que se pinta mostra para a filha como faz.	Quando pinta seu corpo e está errado, a avó manda pintar novamente.
Sem Resposta	Ensina a filha da mesma maneira que a mãe lhe ensinou.	Temos que prender todas as pinturas que os mais velhos sabem.	Se os Asurini continuarem se pintando, fica mais forte a cultura.
Sem Resposta	A mãe oferece partes do seu corpo para a filha ir treinando a te aprender.	As pinturas com nomes mais difíceis são as mais bonitas.	Se acabar pintura, acaba Asurini.

Ao analisar as categorias retiradas das falas das três faixas etárias, é bastante evidente a forte presença da figura materna no processo de aprendizagem da pintura corporal. Percebe-se nas falas que a figura da mãe e, por conseguinte a figura da avó também está muito forte na vida das mulheres do grupo Asurini.

A mãe ensina a filha da mesma maneira que a avó, sua mãe, lhe ensinou. As mães quando vão pintar seus corpos, chamam as filhas, ou para observarem a maneira de pintar ou para que as filhas pintarem as partes de seus corpos. Assim, acreditam que vão treinando umas nas outras ou em si próprias. As mulheres mais velhas da etnia são as sabedoras do conhecimento. São reconhecidas por isso, e são elas que sabem as melhores, as mais bonitas e as mais difíceis pinturas. Para as índias Asurini as pinturas mais difíceis são as mais valiosas, porque são as mais bonitas.

As índias Asurini acreditam que ao se pintarem estão mantendo a cultura de seu povo. Expõem suas angústias sobre o desaparecimento do costume. Consideram que o desaparecimento da prática do grafismo corporal no grupo representará a perda da identidade Asurini e o fim da cultura do povo.

**Quadro 3 – Questão 3**  
**Quando, e como ocorre a aprendizagem e o reconhecimento do significado do grafismo corporal praticado entre as mulheres no grupo Asurini?**

<b>De 08 a 12 anos De idade</b>	<b>De 13 a 18 anos de de idade</b>	<b>De 19 a 40 anos de idade</b>	<b>Acima de 40 anos de idade.</b>
Primeiramente só pintava as pernas.	A mãe ensina a pintar.	Não acerta de primeira vez. Depois vai fazendo.	Acha bonito, mas não sabe falar a respeito.
Aprende ao observar da mãe pintar.	Quando está pintando chama à filha pra ficar observando.	Quando se é pequena não se sabe.	Ficava vendo e mãe pintar e faz do mesmo jeito.
Às vezes brincam de pintar na mãe. Pintam a boca, as pernas e as costas.	Só sabe o significado das pinturas que faz.	Às vezes pintava o irmão, ou as próprias pernas e as mãos.	Chamava a mãe pra ensinar.
Acha que está pintando melhor. Porque antes não fazia nadinha.	Acha que a pintura antiga é mais bonita.	Acha que significa que é a cultura do povo Asurini mesmo.	Quando era criança a mãe mandava brincar de desenho.

Fica evidente que a aprendizagem do grafismo corporal ocorre por todo o processo de crescimento da mulher indígena. O processo de aprendizagem da pintura corporal sob o olhar das meninas da faixa etária de oito a doze anos de idade, se dá sem reconhecimento de significados, e sim, por repetição de um costume praticado pelas mulheres mais velhas da aldeia e especialmente porque é praticado por suas mães.

As meninas da faixa etária de oito a doze anos relatam que treinam a pintura em suas pernas. No início um pouco mais difícil, e com o tempo superam as dificuldades pelo treino executado em seguidos momentos de aprendizagem ao lado da mãe. Iniciam a prática da pintura primeiramente em suas pernas, e acham ainda, que estão aprimorando seu grafismo corporal a cada dia que passa.

As mulheres que se encontram na faixa etária de treze a dezoito anos de idade relatam que o processo de aprendizagem se inicia ainda na infância e também pela observação e repetição da pintura praticada pelas mães. Também não sabem exatamente o significado do grafismo para o grupo. Sabem apenas o que significa alguns tipos de pintura, as que mais gostam de pintar. Não se interessam, também em aprender outros tipos, apenas os que gostam e o fazem com frequência. Nota-se nesse momento de análise das respostas das faixas etárias maiores, que a figura da avó também está muito viva quando se refere ao aprendizado da pintura. As mães chamam suas filhas para as observarem pintar. As avós também são observadas pelas netas, e as mães ainda na fase adulta são orientadas por suas mães (avós) nos momentos de pintura. É possível perceber que tal sucessão ocorre de maneira bastante natural.

### **Considerações finais**

Concluiu-se com este estudo que a prática do grafismo corporal praticado pelas índias da etnia Asurini do Koatinemo, nesse momento, é considerado importante para o grupo étnico como sendo a representação de sua identidade cultural. As mulheres do grupo demonstram ser responsáveis pela preservação da prática da pintura corporal para haver a consolidação da cultura do povo. Os objetivos deste estudo foram alcançados, constatando-se ainda que o processo de aprendizagem do grafismo corporal se dá desde a infância e o reconhecimento do seu significado ocorre apenas na fase adulta das índias.

### **Referências**

BANIWA, G. Truculência e intolerância étnica. In: UNICEF. **Direitos Negados – a violência contra crianças e o adolescente no Brasil**. Brasília, 2005.

BARBOSA, W. A. **A comunicação transfronteira em Amazônia como Novo Éden do Mundo**. in: comunicação e multiculturalismo. Org por Peruzzo. C e Pinho. J. São Paulo: Intercom, Manaus: Universidade do Amazonas, 2001.

BERLO, D. K. **O Processo de Comunicação**: introdução à teoria e a prática. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

De PAULA, L. R. **Dinâmica Faccional Xerente**: espera local e processo sócio políticos. Departamento de Antropologia da FFLCH. USP: Dissertação de Mestrado, 2000.

GRUPIONI, L. D. B. **Livros didáticos e fontes de informação sobre as sociedades indígenas no Brasil.** In: Aracy Lopes da Silva e Luís Donizete Benzi. Org. **A temática indígena na escola: Novos subsídios para professores de primeiro e segundo grau.** 2 ed. São Paulo. Global. Brasília. Mec, Mari – Unesco, 1998.

HERMEL, P. B. **O Sentido Mítico do Son:** ressonância estética da música tribal dos índios Cinta – Larga. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de estudos de pós-graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1988.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LO CURTO, A. **Asurini, Glai Artisti Della Giungla.** BSI: banca della Svizzera italiana, 1993.

MULLER, R. P. **Tayngava, a noção de representação na arte gráfica Asurini do Xingu.** In: **Grafismo indígena: estudos de antropologia estética.** Org. Luz Vidal. São Paulo: Studio Nobel: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1992.

\_\_\_\_\_. **Os Asurini do Xingu: história e arte.** Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

NOVAES, W. **Índios e a Modernidade.** Org. Luis Donizete Benzi Grupione, in **Índios no Brasil.** São Paulo: Global, 2005.

OLIVEIRA, J. G. C. **Aculturação Indígena: Uma Introdução Histórica.** **Revista de Ciência, Educação e Cultura.** Disponível em: [http://www.cefetgo.br/cienciashumanas/humanidades\\_foco/anteriores/humanidades\\_1/html/sociedade\\_aculturacaoindigena.htm](http://www.cefetgo.br/cienciashumanas/humanidades_foco/anteriores/humanidades_1/html/sociedade_aculturacaoindigena.htm)

RIBEIRO, D. **Os Índios e a Civilização.** Rio de Janeiro, Petrópolis, 1979.

\_\_\_\_\_. **O Povo Brasileiro: evolução e o sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAGARDOY, W. **A influência das cores na sua vida.** São Paulo: Nova Cultura, 2006.

SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção primeiros passos).

SILVA, F. A. **As Tecnologias e Seus Significados: um estudo da cerâmica dos Asurini do Xingu e das cestarias dos Kayapós – Xikrin, sobre uma perspectiva etnoarqueológica.** Tese de doutorado de antropologia da Universidade de São Paulo, 2000.

VALADÃO, V. M. **Senhores destas terras: os povos indígenas no Brasil: da colônia aos nossos dias.** São Paulo: Atual, 1991.